

Rui Gonçalves da Silva

Um sítio chamado Uialué

CONTOS FANTÁSTICOS

Infanto - Juvenil

O homem do chapéu alto

Esta história poderá parecer, para quem a não entenda, sem pés nem cabeça, embora fale de um chapéu e de um homem com pés e cabeça, que vivia apenas no mundo das suas visões, fora do real.

Vive-se às vezes, com o pé na vida e outro no sonho, mas este homem vivia todo ele, sempre, no mundo da fantasia e quando é assim, corre-se o risco de não ser entendido.

Era assim que se passava com o homem do chapéu alto. Para compreendê-lo é preciso muita imaginação, porque a sua vida e a sua história são diferentes.

O homem do chapéu alto era simpático e cumprimentava toda a gente com cerimónia e delicadeza, tirando, num gesto largo, o seu chapéu alto.

Só que não tinha qualquer chapéu e as pessoas que ele ia cumprimentando, às vezes, nem existiam, era ele que as imaginava, no seu modo de sentir.

Tinha hábitos bizarros. Gostava de ir ao lago, ver os cisnes nas águas tranquilas, onde em dias de calor tomava banho, mas por aqueles lados, nem havia lago, nem qualquer cisne. Depois, ao fim da tarde, ia até ao extremo da vila, sentar-se junto à via férrea, para ver passar os comboios. Divertia-se a dizer adeus às pessoas que via debruçadas nas janelas do comboio. Mas por ali nunca passava qualquer comboio.

Em dias de festa vestia-se de mágico, e no centro da vila, montava o seu espectáculo de magia. Tirava do chapéu alto, tudo o que queria: coelhos, pombas, flores, galinhas, nuvens, arco-íris. Tudo isto apesar de não ter chapéu algum.

Outras vezes ia de cavalo, pelos campos, saudando tudo e todos, com o seu chapéu, como se fosse um nobre a visitar os seus domínios. Mas as pessoas só viam nele, um pobre homem a pé, descalço e mal vestido, gesticulando a gritar "Abram alas, sou o vosso Rei".

Chegado a casa, era uma festa. Como se tivesse tanta gente a seu lado, ele cumprimentava primos, filhos, tios, sobrinhos, amigos, criados e vizinhos. Mas vivia só, num casebre velho e triste, na companhia apenas, do seu gato estomacado.

Ao jantar, sentava-se à mesa e havia de tudo para bem quisesse.

comer, porque a fome e a imaginação eram enormes. Batia palmas chamando os criados para servi-lo a precetto. Nada faltava naquele suposto jantar. Aos seus olhos, estendia-se uma mesa farta, de saborosas iguarias. Porém ia deitar-se, roendo o mesmo pedaço de pão e com a fome de sempre, porque pouco havia para comer.

A noite, subia ao alpendre da sua casa e tocava lindas melodias no seu violino, para quem quisesse ouvir e aos seus olhos, toda a aldeia vinha escutá-lo. Mas a casa não tinha alpendre, nem ele tinha violino e as pessoas dormiam indiferentes, no silêncio das suas casas.

Outras vezes, dizia-se colecionador de estrelas do céu e achava-se muito rico. Segredava ter mais de 300 estrelas escondidas no seu chapéu. Todos esperavam, mas ninguém via nada, porque não havia estrelas nem chapéu.

Depois de tantas histórias e fantasias, um dia levaram-no porque achavam-no louco. Antes de partir, tirou da cabeça o seu chapéu e entregou-o a um menino, dizendo: "Guarda o meu chapéu alto. É para ti. Com ele podes fazer o que quiseres. É mágico e nem se vê".

O menino aceitou-o, mesmo sabendo que não existia chapéu algum. Para ser mais real, colocou-o na sua cabeça, disse adeus e partiu para as brincadeiras com outros meninos.

Quando chegou junto dos seus amigos, perguntaram-lhe: "Quem te deu esse chapéu?" O menino ficou surpreendido. Tirou o chapéu com cuidado, colocou-o no chão e foi brincar.

Ao longe viu o chapéu alto transformar-se em flor, depois em pomba, depois em borboleta e assim se perder num voo pelo céu.

Dizem que anos mais tarde, o homem do chapéu alto, já velho, quando estava sentado no jardim a apanhar sol, ao ver passar uma linda borboleta, sorriu e disse: "Val ali o meu chapéu".

As pessoas tiram, sem saberem que alguém podia inventar um chapéu e fazer dele, o que a imaginação bem quisesse.

Uma estrela para morar

espaço mágico, naquela confusão de bichos, livros, flores, maquinetas e ouvir histórias de encantos e magias. Ele perguntava: "Sabem qual é o maior mistério?" e rindo-se dizia: "É não haver mistério nenhum".

Depois era ouvir contar as suas aventuras de uma longa vida, passada em tantos lugares e países, nos tempos em que fora marinho, pajem, cavaleiro, palhaço, trapezista, domador, mágico, pastor de renas e esquimó. O que mais encantava e surpreendia era quando lembrava a sua outra vida, em que tinha sido passageiro, uma ave esplêndida, com asas douradas, no tempo em que os animais falavam.

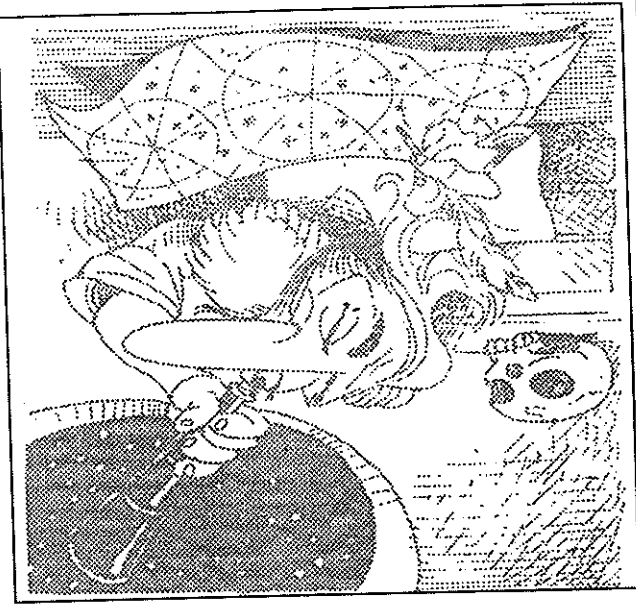
Além de tudo isso, interessava-se também pela vida dos astros e como tinha um enorme telescópio, passava horas sem fim a olhar os confins dos céus a falar com as estrelas. Explicava aos meninos, num mapa todo cheio de estrelas e desenhos, a vida de cada uma delas, o significado de cada constelação, e para ele, todos aqueles desenhos eram brincadeiras dos deuses que assim flocavam o céu a seu gosto. Gostava muito de olhar as estrelas e dizia que andava à procura da mais bonita, para um dia ir para lá morar.

Mas o sítio mais encantado da sua casa, era o recanto do seu laboratório: fumos coloridos, frascos, retortas, balões, fórmulas, livros velhos, e um constante borbulhar, da melodia das alquimias secretas. Que estava a fazer? Pó de estrelas, para levar consigo quando fosse de viagem, para as galáxias.

Até que um dia, quando os meninos o procuraram, não responderam à chamada. Tinha adormecido para sempre, com o mesmo sorriso sereno, junto às fórmulas, aos livros, às flores, aos seus amigos animais.

Deixou apenas um recado escrito, para quem podia entender: "Fica aqui o meu corpo, vou embora para os céus. Já escolhi a estrela para morar. Levo os bolsos cheios de pó, há-de chegar para a viagem. Olhem para mim". Ninguém, a não ser alguns meninos, percebia aquela mensagem.

Desde então os meninos cheios de saudade, não se cansam de olhar o céu, à procura dessa estrela mágica, onde mora decerto, o encanto, o sonho e o sorriso, daquele amigo especial.



Era um velho melgo, sereno e amigo. Tinha um sorriso de menino e aquele ar distraído que os cientistas costumam ter. A sua casa era um espaço mágico, um lugar onde havia de tudo, desde geríngonças espalhadas, até lindos quadros e esculturas. Tinha animais por todo o lado: gatos, cães, galinhas, patos, passaros, borboletas e um papagalho muito falador que passava o tempo a tagarelar com ele. Tudo em plena liberdade e numa desordem absoluta. Muitos livros e folhas rabiscadas por todo o lado, coisas antigas, móveis, pinturas por acabar, quadros fantásticos que ele ia pintando nos casos da imaginação. "O mundo é uma desordem feliz", era o seu lema, que figurava numa das paredes, junto a uma pintura que ele gostava muito. Era assim o quadro: um campo todo amarelo, um cavalo e fumo, uma estrela com olhos e bem na frente um menino a fazer chichi, num chapéu de mágico, sob um céu onde voavam livros e lábios. "Eu sou o que o quadro diz", costumava ele dizer aos seus amigos.

Os meninos gostavam de visitar este velho sábio, que com toda a paciência explicava o mundo e as coisas que inventava. Era tão maravilhoso entrar naquele

O palhaço e a menina do trapézio

Naquela circo azul, salpicado de estrelas douradas, a vida decora, como se o espetáculo fosse eterno e a magia da luz e da cor, andassem sempre no olhar e no modo de ser de todos. Circo modesto, como são os que vão aos cantos mais longínquos do mundo, mas nem por isso, menos encantador e deslumbrante.

Aí, todos eram da mesma família, sem o serem de verdade, mas o importante era sentirem-se irmãos, primos, filhos, o que fosse, unidos na mesma aventura de vida, nos mesmos desafios, nas mesmas vicissitudes, alegrias e esperanças. Eram estes os laços fortes que fazia feliz, aquela grande família, de pessoas, animais e coisas, gente e artistas do mesmo circo, da vida e de sonho.

O palhaço Zubidó, era o mais velho de todos. Perdera a conta dos anos e dos caminhos já percorridos, das vezes em que montara a tenda azul, mesclada de estrelas d'ouro, e de pessoas que fizera rir por tantos sítios do mundo.

Tinha a seu cargo, há tantos anos, um velho urso pardo, que fora abandonado pelo seu dono, na suposição que ele morrera da mordedura de cobra, que o deixara entre a vida e a morte, mas Zubidó, com toda a paciência e carinho, conseguiu salvá-lo e fazê-lo vedeta do seu circo, ensinando-lhe habilidades e a tocar trompete.

Outra grande amizade unia-o a uma menina, que em tempos, numa noite de chuva, alguém deixara, ainda bebê, junto ao circo, e que ele logo acolheu, adoptando-a como sua, cuidando dela com o carinho que só um palhaço tem no coração.

A sua vida ganhara um novo sentido e alento com aquela menina. Ensinou-a o que sabia, porque na vida errante de circo, por aqueles tempos, a escola era feita no aprender da vida. Era ver o palhaço Zubidó, o Urso Pardo e a menina, a brincarem juntos, ou sentados no chão, ao cair da noite a ver as estrelas no céu.

A menina foi crescendo naquele mundo de magia do circo azul, alegre como um pássaro em liberdade. Das brincadeiras, adorava voar em qualquer baloiço, dos que Zubidó ia construindo e dos que improvisava. Daí lhe ter nascido um gosto e uma habilidade especial para o trapézio, onde se revelou uma artista excepcional.

Passava horas e horas a treinar lá em cima, no céu do circo, voando de trapézio em trapézio, em voos ousados e piruetas de arrepiar. Depressa, ela tornou-se a estrela daquele circo e não parava de encantar todos com a sua aglidade e graça de pluma voadora. O velho palhaço assistia com o coração a saltitar no peito, a todos os seus espectadores e sempre lhe recomendava cuidado, que não arriscasse tanto, mas ela sorria e dizia-lhe: «Não te preocupes, eu sei voar!».

Do que ela gostava, era de olhar o céu à noite, seduzida por tanta luz e beleza e confessava, então, a Zubidó: «Adorava voar no céu, ter um trapézio preso à lua e voar de estrela em estrela, bem lá no alto». O velho palhaço escutava comovido, e animava-a: «Seria bonito poderes fazer isso, gostava de ver!».

Era assim, alegre e feliz a vida e o dia-a-dia das pessoas daquele circo. Mas numa noite de tempestade, por alturas do Natal, estava a menina do trapézio, a fazer o seu número habitual, quando ecoou o som forte de um trovão, assustando-a, no momento em que se lançava ao voo para o trapézio, fazendo-a tombar lá de cima. Caiu desprotegida no meio da pista. Fez-se silêncio e só se ouvia a chuva e a agitação das pessoas. O velho palhaço pressintiu o pior e correu para ela, levando-a, inanimada, para o camarim. Tudo fez para a salvar, mas em vão. O espetáculo continuou, como tinha de ser, e ninguém se apercebeu que ela voara no seu derradeiro voo e já ia longe, bem longe desta vida.

O velho palhaço, deixou rolar pelas faces rugosas e pintadas, fios de lágrimas, e nunca mais teve vontade de sorrir. O circo ficara mais pobre e Zubidó passava os dias pelos cantos a choramingar, numa tristeza infanda.

Todas as noites os seus olhos perdiam-se no céu e numa dessas vezes, para seu espanto e admiração, viu surgir, lá no alto, entre tantas estrelas, a sua menina, num baloiço de luz.

O velho palhaço rejubilou de felicidade e encheu a noite com o seu riso, enquanto lá no céu, a menina do trapézio, sorrindo, voava de estrela em estrela, como um pássaro de luz, deslumbrando Zubidó e o Urso Blum.

O menino ao espelho

aquele rosto que o olhava tanto quanto ele. Tudo isso trazia-lhe um sabor de inquietante mistério, que lhe fez colocar o espelho, no domínio das coisas mágicas.

Olhava o espelho, não como se olha um vulgar pedaço de vidro espelhado, mas a janela de qualquer mistério, que dava para o lado do sonho.

Naquele casarão, naquele quarto enorme onde se sentia só, encontrava no espelho um modo de preencher a sua solidão, de ter alguém consigo, de poder estar com outro, nem que esse outro fosse apenas e só a sua imagem. Passava momentos deliciosos diante do espelho, em divertidas brincadeiras, em improvisos que o encantavam, em conversas sobre tudo, mesmo falando de segredos, de medos, de sonhos, conversas que só tem com um amigo. Quem o visse, pensaria que falava só, mas não, conversava com o espelho, como se o menino que ali estava, não fosse a sua imagem, mas alguém bem real. Era com esse menino que falava, era com ele que repartia a sua solidão, ele que estava sempre ali, a olhar-lhe bem nos olhos, a partir de si mesmo.

À noite, aproximava-se do espelho e acariciava aquele rosto triste como o seu, dava-lhe um beijo e ia dormir mais tranquilo, porque não se sentia tão só.

Uma vez, acordou no sobresalto de um sonho mau e correu a aconchegar-se junto ao espelho a tirar de medo e frio. Viu os olhos de menino assustado a olhar no espelho e uma lágrima de tristeza caiu. Então o menino do espelho chorou também. Ficaram assim juntos até o medo e a tristeza passarem.

Nunca mais se separaram. Cada espelho passou a ser a janela secreta e cristalina, dos seus sonhos e o modo de nunca se sentir só.

espago de menino.

Tinha duas coisas que o fascinavam naquele quarto: a cadeira de baloiço e o espelho grande da parede. Não era fácil sentar-se na cadeira, era como montar um potro rebelde ou um cavalo selvagem, porque ela sempre a mover-se, tornava difícil o salto. Mas quando conseguia dominá-la, quando o seu corpo se encaixava no côncavo do seu regaço, ali atunadado no cabedal macio, era uma viagem até ao sonho mais gostoso.

O espelho era outro segredo, talvez o maior dos seus fascínios. Desde sempre vira naquele objecto, a janela do seu mundo, o olhar do seu olhar, um mistério que o intriga e seduzia. Quando se olhou nele pela primeira vez, nos tempos de infância, surpreendeu-se vendo o seu espanto reflectido, vendo aquele corpo igual ao seu,

que apressa de tudo, era a parte menos triste da casa, porque não mais, era um labirinto de portas e quartos velhos, de escadas quase a ruir, silos e recantos que não se atrevia a entrar pelo pavor que lhe inspiravam. A tia passava quase todo o tempo na sala, envolada numa manta, a trocar, a dar ordens à criada, a tossir e a atugentar o gato.

Um quarto assim, grande demais, tornava-se desconfortável, falava-lhe o aconchego das coisas próximas, dos móveis à sua medida, das cores frescas, para ter ali o seu

que apressa de tudo, era a parte menos triste da casa, porque não mais, era um labirinto de portas e quartos velhos, de escadas quase a ruir, silos e recantos que não se atrevia a entrar pelo pavor que lhe inspiravam. A tia passava quase todo o tempo na sala, envolada numa manta, a trocar, a dar ordens à criada, a tossir e a atugentar o gato.

O seu mundo, era quase todo, limitado àquele quarto, uma velha criada, porque assim o determinou o seu destino de criação.

Naquele quarto grande, espaçoso, antigo, às vezes sentia-se náutago, num mar de solidão. Os móveis escuros, pesados, altos e volumosos, davam ao quarto um ar austero, fazendo-o sentir-se uma espécie de gnomo numa floresta de árvores gigantes. Vivia naquele casarão antigo, a degradar-se pelo tempo, com a sua tia, e

Pássaro de pedra

um anjo, um menino, um cavalo, seja o que for, dando assim, vida à matéria.

E foi o que aconteceu naquele instante. Tinha que esculpir aquela águia enorme que a rocha insinuava e que só ele via. Correu para casa buscar os materiais e lançou-se à obra.

Foram dias de trabalho, em redor da rocha, para espanto de todos. Vieram meninos, como sempre, tomar banho no ribeiro, e olhavam com admiração e surpresa aquele trabalho. Que faria aquele senhor por ali, longe de tudo, a martelar a rocha, tão confiante como se procurasse algo? Um deles artiscou perguntar: «Que faz aí?». O escultor respondeu: «Vou libertar uma águia que está nesta rocha». Se grande era a dúvida, maior se tornou. «Vai fazer uma águia de pedra? Vai fazer uma escultura aqui?» — inquiriu outro mais esclarecido.

«A águia já cá está, só estou a libertá-la da pedra que a esconde. Se a rocha está aqui, é um bom sítio para nascer uma águia, não acham?»

E sem mais continuou a sua obra, alheio às dúvidas e inquietações. Dia-a-dia, a águia ia ganhando formas, primeiro as asas, depois o bico, o corpo, as penas, até ficar pronta e tão real que assustava. Ficaram todos deslumbrados. O artista cumprira o destino que sonhara para aquela rocha e disse para quem quis ouvir: «Eis a águia. Está pronta a voar». E como chegou, assim se foi, sem mais palavras. Tempos depois, numa noite de chuva e vento, ouviu-se um agitar estranho de asas, um alvoroço desusado e o ecoar de um trovão.

Quando o dia nasceu, tudo estava calmo, mas da águia de pedra, nem sinal. Voara, decerto, lá para os céus, a juntar-se às outras, ou partirá no encalce do seu Criador.

Alli estava a rocha. Firme e resistente, aparentemente igual a tantas outras. Mas vendo bem, tinha algo que a distinguia, pelo tamanho, pela forma, até pelo facto de estar ali naquele local, deslocada, como se fosse um pedaço de lua, caída do céu. Era um bloco acinzentado, oval, revelando a maciez da pedra polida, pelo tempo. Por perto, um ribeiro, onde outras pedras deixavam-se modelar na cartíca das águas, num sereno convívio de tantos anos.

Erva brava, silvado e um canavial, circundavam o sítio. O Sol escorria manso, e quem estivesse atento, ouvia o vento a assobiar nas folhas verdes, o gorjeio das águas desfilando nos seixos e o bater de asas das águias selvagens, que se lançavam em voo picado, lá do alto dos penhascos, onde cresciam castanheiros, no desatito das vertigens.

Aquela rocha estava ali na indiferença de tantos, mas bem viva, no olhar de quem sabia ver, de quem estava habituado a modelar formas. Mesmo em momento de sossego, o artista que por ali passou, sentiu a rocha despertar-lhe a alma, a seduzi-lo, naquela tarde soalheira, a pedir descanso e abandono.

Logo imaginou, naquela rocha esguia, uma forma escondida, que pouco a pouco tomava corpo, numa estranha alucinação criadora e surgia-lhe, bem visível, os contornos de uma águia, de asas abertas, pronta para o voo. Deixou-se ficar, deitado na erva fresca, observando-a de todos os ângulos, nos meandros da luz e ia descobrindo todos os traços da ave, cada vez mais nítidos, mais certos, embora para outros olhos, aquilo era apenas e só uma vulgar e enorme rocha.

Mas um escultor é assim. Os seus olhos sentem no que contemplam, as formas do corpo que escondem, o prenúncio do que há-de ser. Depois é só procurar, retirar tudo o que oculta, e assim fazer

Uma flor no asfalto

nos musgos dos valados, eram ali, tumos a subir, como nuvens.

Perguntava a si próprio, o que fora feito das árvo-

res e das flores que antes cobriam aquele chão, quanto

sufoco tinham que aguentar sob o peso de tanto ci-

mento e asfalto que lhes vedava a fuga para a luz, e

impedia a vida.

Da varanda sonhava a revolta surda das plantas e

das árvores, o despertar furioso das raízes, vias então,

violentas, a irromper por todo o lado, a reconquistar todo

o espaço que fora delas e imaginava acordar, de

repente, rodeada de verde, de ramos, de folhagem, de

flores, de arbustos e as pessoas surpreendidas, a ver a

natureza reapossar-se de tudo.

Até que um dia, para espanto de todos, nasceu

uma flor no asfalto, bem no meio da rua e ele viu nisso

um sinal. Sol de pouca dura, porque alguém a arrancou

sem mais, reprimindo o atrevimento da flor, em nascer

ali.

Mas a partir daí, algo mudara. Aproveitando todos

os espaços, foram nascendo, por outros lados, ervas e

plantas, desafiando tudo e todos, para desespere dos

que queriam arrancá-las. O menino ria-se e sempre que

podia, ajudava-as a crescer, abria-lhes mais caminho,

levava-lhes água e alento. Embora quase todas

acabassem por ceder, uma trepadeira mais atõia, ousou

romper o cimento da calçada, junto ao prédio, e subiu

por aí acima, disposta a vencer tudo. O menino

amparou-a sempre, cuidou dela sem descanço e tudo

fez para vê-la trepar. Nada a abatia, resistiu aos cortes,

aos maus tratos e cresceu agarrada à parede com toda

a força, estendendo braços por todo o lado, até chegar

ao cimo, no beiral da janela do 6.º esquerdo, onde

morava o menino.

Então, numa manhã de Primavera, para espanto

de muitos, a trepadeira floriu em mil botões-rosados,

deslumbrando todos, e o menino, lá no alto, satisfeito,

abriu a janela e o coração a tanto perfume e felicidade.

Onde antes era espaço, campos verdes, árvores

frondosas, era agora um amontoado de casas, desses

bloco geométricos, volumosos, agressivos, sem estética,

onde vivem pessoas compartimentadas, como se fossem

gavetas com gente dentro.

Aquelas que estavam habituadas a correr nos

campos, a brincar nos quintais, a dar de comida aos

coelhos, e às galinhas, ou a ir à erva, não se

acostumavam a este hábito novo de viver encaixotados,

ouvindo todos os ruídos, conversas, risos, choros, e os

gritos dos outros.

Lá no alto, numa nesga de varanda, às vezes um

ou outro, planta numa minigua de terra, uma flor qual-

quer, ou deixa florir num vaso exíguo, a porção de natu-

reza que lhe é consentida. Ali é também miradouro para

o mundo, o espaço milimétrico onde os meninos podem

brincar e os adultos mais sonhadores, iludem os seus

sonhos, deixando voar os olhos, sedentos de espaço.

Por isso o menino, que viera de uma casa terra,

lá no campo, rodeada de árvores de fruto, potos de

ca-milho, batata, couves e inhame, e sobretudo com ca-

prisioneiro, naquele apartamento. Vinham-lhe à

lembança os tempos de ir até ao ribeiro apanhar rãs,

as subidas aos pinhais, para comer pinhões e escoregar

na caruma, os arranhões nos silvados na apanha de

amoras, o sabor das pitangas, das ameixas, e o quintal

cheio de corações floridos e de fetos pendentes.

Estava ali, enclausurado num apartamento, nos ar-

redores da cidade, sem que por perto despontasse a

janela, para ver as montanhas bem ao longe, e as

manchas de verde dos pinheiros, saciando assim, um

pouco daquela saudade.

A sua volta, em vez de árvores, tinha ruas de asfalto

negro, por onde corriam carros e em vez de flores,

cresciam espaços de cimento, em vez de passaros ouvia

strines estridentes, e as návoas que vira tecer casulos

CONTOS FANTÁSTICOS

Rui Gonçalves da Silva

O encanto das avesluz

Eram aves estranhas, diferentes de tudo o que se possa imaginar. Tinham tanto de enigmático, como de um misto de pavao, de ganso, de garga, copulientas como as emas e ágeis como a avestruz, mas com a leveza dos cisnes. Marsas, docéis, viviam em plena liberdade, mas não se afastavam daquele povoado, onde, desde não se sabe quando, sempre tiveram o seu lar.

Se eram elegantes na forma, eram encantadoras na cor e na plumagem. Com o corpo coberto de tons brancos, manchados de vermelho e dourado, engatavam-se com uma cada longa, de penas em dourado acastanhado. Na crista, pendiam plumas de cor de fogo, e na cabeça sobressaíam uns olhos de safira, contornados de verdes.

A sua vida decorria na maior tranquilidade. Passavam o dia, em bando, em passeios curtos. Ao fim do dia, ao pôr-do-sol, levantavam voo, para algumas voltas e regressavam já noite. No céu os seus corpos adquiriam uma tonalidade luminosa, dando à noite, um colorido lindo e talvez fosse por isso, que lhes chamavam «avesluz». Ninguém perdia aquele espectáculo e era ver, todos, de olhos maravilhados, a seguir aqueles voos flamejantes de cor e luz.

Depois, entoavam um cântico suave, e adormeciam juntas, em círculo, como se fosse uma grande flor fechada e assim ficavam, num misterioso silêncio, até romper os primeiros claros do dia.

Vinha tanta gente de outros sítios, observar estas aves, mas ninguém podia acercar-se delas, porque ficavam perturbadas, com uma agitação ruidosa e num alvoroço incontável.

Pouco se sabia destas aves tão exóticas, e muitas vezes chegavam especialistas, curiosos em decifrar tanto mistério, mas não era consentido que se aproximassem. As pessoas do povoado não estavam preocupadas em desenvolver com elas, desde sempre, sem mais perguntas.

O certo é que a aveiluz fazia parte daquele vale

lindo e pertença daquela povoação. Eram exactamente 30 aves, e não se sabe como, eram eternas. Não morriam, nem aumentavam. Sempre iguais.

Comiam pétalas de flores, alguns legumes, fruta, hortela e bagas de um arbusto, que só havia naquele lugar.

Por tudo isso, cortiam as mais variadas histórias: que eram aves do céu, vindas dos jardins do paraíso, que eram fadas encantadas, que eram princesas que viviam presas a qualquer feitigo.

Os que se divertiam mais com as aveiluz, eram os meninos. Eram os únicos que podiam abeirar-se delas, fazer-lhes festas, brincar à-vontade. Chegavam a passear montados no seu dorso e elas docéis, aceitavam tudo.

Havia porém, quem as cobigasse. Jam dizendo à boca calada, que as plumas valiam muito, a carne seria um manjar saboroso, os olhos seriam pedras preciosas, e que em qualquer lado elas valeriam ouro.

Só que ninguém conseguia apanhar qualquer aveiluz.

Mas uma noite, ouviram-se disparos. Depois o alvoroço e o cântico angustiado das aves. Acordaram todos. Alguém tentara matar ou aprisionar o bando. As aves feridas e perturbadas, agitaram-se, abriram asas e voaram para o céu, enchendo-o de tanta luz e cor. Deram algumas voltas em redor, e depois foram-se embora para nunca mais.

A aldeia ficou triste. Dia após dia, todos olhavam o céu, à espera do regresso das suas aves encantadas. Em vão.

As pessoas foram partindo, para outros sítios e para outras vidas.

O tempo foi passando e a aldeia abandonada, encheu-se de matagal, ervas daninhas e tristeza.

Das aveiluz, só restou a saudade e a lembrança. Hoje ainda há um velho homem — um menino que brincara com elas —, sentado no monte, a olhar o céu, porque não perdeu a esperança de que um dia elas voltem.

Aventuras de um elefante branco

Olhava as pessoas para compreendê-las, mas não as achava assim tão surpreendentes, parecia-lhe que pertenciam a uma manada com um chefe que ele não distinguia. E interrogou-se: «Que selva é esta?»

Chegou finalmente ao seu novo destino: um jardim zoológico. Ali era bem melhor do que na jaula onde vivia tantos dias. Tinha um pouco de espaço, comida a horas, água fresca e ar puro. Só que mesmo assim, não tinha a sua liberdade, era na mesma, uma espécie de prisioneiro.

A sua distração era ver as pessoas que por ali passavam, ouvir as suas conversas, compreender os seus gestos. Mas do que mais gostava, o que lhe dava imenso prazer, era ver os meninos, escutar o seu riso, sentir as suas brincadeiras. Eram tantos os que vinham vê-lo, e por ali ficavam horas, a fazer-lhe festas, a atrair-lhe doces.

Mas os dias eram sempre iguais, e à noite, vinha-lhe a saudade, a lembrança das savanas imensas, das plantações douradas e apesara de dizerem que os elefantes não choram, lá lhe caía uma ou outra lágrima. Os elefantes brancos têm capacidades mágicas e quando querem, quando desejam, são capazes de tudo. Por isso, naquela noite triste, decidiu partir, ir para os sítios da sua memória, para as suas terras do além.

Abanou as longas orelhas, fez-se ágil e lá partiu a voar, como se fosse uma nuvem branca, a riscar aquela noite escura, sem estrelas nem luar. A única lembrança que levava consigo, no fundo do seu coração, era o olhar doce dos meninos e o seu riso de alegria. E pensou: «O mundo dos homens, deveria ser só de crianças. Com elas, até um elefante branco dava-se bem!».

E assim se foi, até às plantações mágicas, onde o elefante branco e outros animais fantásticos ainda existem, para povoar os nossos sonhos e fazer as mais lindas histórias que nos encantam.

De andar lento e pesado, já por espaços imensos,

em longas caminhadas solitárias. Os elefantes não andam

sós, mas ele, porque nascera com outra cor — um branco puro — e tinha uma forma de ser muito sua, era diferente. Isso inspirava desconfiança e azedume à manada.

Por essa razão, sempre pensara, na primeira oportunidade, partir sozinho, contra todas as regras e costumes.

A vida na manada era muito igual, tinham que cumprir os mesmos rituais, andar em fila atrás do chefe, que além de ser grosseiro e bruto, não admitia qualquer contestação.

O elefante branco era o único que de vez em quando protestava e chegava a discutir as ordens, mas não tinha apoio dos outros, porque achavam-no meio esquisito, com aquela cor e tantas ideias diferentes.

Não tardou muito a mudar de rumo. Um dia, deixou a manada, correu por um trilho que atravessava a floresta, até chegar a outra plantação, onde a noite caía em cores de fogo, num mar de embondeiros.

Respirava o ar da liberdade e apesara de ser a primeira vez que se encontrava só, sentiu-se bem. Já ser o que quer que se encontrava só, sentiu-se bem. Já ser o que quer que se encontrava só, sentiu-se bem. Já ser o que quer que se encontrava só, sentiu-se bem.

Respirava o ar da liberdade e apesara de ser a primeira vez que se encontrava só, sentiu-se bem. Já ser o que quer que se encontrava só, sentiu-se bem. Já ser o que quer que se encontrava só, sentiu-se bem.

Respirava o ar da liberdade e apesara de ser a primeira vez que se encontrava só, sentiu-se bem. Já ser o que quer que se encontrava só, sentiu-se bem. Já ser o que quer que se encontrava só, sentiu-se bem.

Respirava o ar da liberdade e apesara de ser a primeira vez que se encontrava só, sentiu-se bem. Já ser o que quer que se encontrava só, sentiu-se bem. Já ser o que quer que se encontrava só, sentiu-se bem.

Respirava o ar da liberdade e apesara de ser a primeira vez que se encontrava só, sentiu-se bem. Já ser o que quer que se encontrava só, sentiu-se bem. Já ser o que quer que se encontrava só, sentiu-se bem.

De onde veio o Bzi?

É estranho. Às vezes, o sonho, a imaginação, a fantasia e a realidade andam juntos. De tal maneira que tudo se confunde e nem se sabe onde começa uma coisa ou outra. Deseja-se algo, sonha-se com isso, e por vezes acaba por acontecer, e ficamos sem saber se foi o sonho que se tornou realidade ou se foi esta que se fez sonho.

Tudo começou para ele, como um desejo, um sonho, como têm tantos meninos. Olhava o céu, esses ramos do céu, intrigado com tanto mistério. De dia ou de noite, ali estava o céu, aquela espécie de janela enorme, aberta de par em par, povoada de estrelas, de um azul imenso, ou de negro, de nuvens, de luz e cor, onde o Sol e a Lua brincavam.

Ouvia falar, que para lá do que se podia ver, ou talvez sentir, existiam outros planetas, uns conhecidos outros não, no caminho longínquo do universo, nos continhos da Via Láctea, na morada de todos os segredos e de todos os silêncios. Fascinava-se com tanto enigma, e não deixava de pensar, sobretudo na possibilidade de haver, bem lá longe, onde quer que fosse, outros seres, outros meninos como ele, decerto, a sonhar com outros mundos.

Por isso, o seu sonho, o seu grande desejo, era descobrir o que os olhos não viam, bem lá para cima, e poder dizer a quem o pudesse ouvir, no fundo dos céus, em qualquer planeta distante, que aqui na Terra, havia um menino à espera de outro menino, viesse de onde viesse, para serem amigos.

Os seus olhos não se cansavam de procurar o céu, sobretudo de noite, antes de dormir, à procura desse amigo, naquele mundo de lendas e mistérios, com estrelas, cometas, asteroídes e constelações

Adormecia tantas vezes nessas dividas e incertezas. Felizmente, para ele, o seu quarto tinha uma janela alta, que ficava sempre entreaberta, por onde entrava um pedaço de céu, no rasto de luz das estrelas e da lua. Era assim que ia no voo manso do sono, até chegar o sol da manhã.

Aconteceu porém, que num certo Agosto, numa noite de luar e cheia de calor, deixou a janela toda

aberta, para entrar o ar fresco da noite. Ser todas as noites eram mágicas, aquela era mesmo especial. A Lua redondinha, parecia estar dependurada no céu, a cintilar para ele.

Adormeceu neste embalo de luz e de mansinho, ouviu um leve rumor nas flores do quintal, e um clarão acendeu-se, como se os malmequeres se iluminassem de fogo. Uma aragem entrou pelo quarto e pelo sonho, fresca e perfumada. Envoltu numa aura de luz, um vulto pequeno, aproximou-se da janela, artando, com os olhos luzidios e cintilantes, a piscar.

Parecia-lhe um menino, pelo menos, tinha as formas, o tamanho e o olhar.

Assustou-se. O coração bateu como um tambor de guerra. Não tinha voz para qualquer grito. O quarto enchou-se de mais luz e de névoa. Serenou. O vulto lá tou-se da cama e sem medo, aproximou-se da janela. "Quem és tu?" perguntou baixinho. Os olhos piscaram mais e ouviu-se um quase choro, depois um som gemido: "Bzi...Bzi...Bzi". O menino apercebeu-se de que se tratava de algo diferente, um ser vindo não se sabe de onde. Aproximou-se dele, com todo o cuidado, para não o assustar. Perguntou então, num sussurro meigo: "Quem és tu? Não tenhas medo, não te faço mal...". Ele, piscou os olhos raiados de luz e murmurou novamente: "Bzi...Bzi". O menino estendeu a sua mão e as duas mãos uniram-se num toque leve, e não foi preciso qualquer palavra para dizer a emoção, daquele encontro.

Instantes depois, o vulto fez-se luz intensa, como se o Sol estivesse ali e partiu até se apagar, bem no alto, entre as estrelas.

O menino não cabia em si de espanto e de satisfação. Tinha conseguido mais um amigo, vindo do seu desejo, do mais encantado sonho, talvez de qualquer morada das galáxias e adormeceu feliz.

A partir dessa noite, quando olhava o céu, nunca mais deixou de ouvir aquele "Bzi", num fio de voz, tenro e doce, a sussurrar-lhe no coração, o segredo daquele mágica amizade.

O encanto das avesluz

lindo e pertença daquela povoação. Eram exactamente 30 aves, e não se sabe como, eram eternas. Não morriam, nem aumentavam. Sempre iguais.

Comiam pétalas de flores, alguns legumes, fruta, hortela e bagas de um arbusto, que só havia naquele lugar.

Por tudo isso, cortiam as mais variadas histórias: que eram aves do céu, vindas dos jardins do paraíso, que eram fadas encantadas, que eram princesas que viviam presas a qualquer feitigo.

Os que se divertiam mais com as avesluz, eram os meninos. Eram os únicos que podiam abeirar-se delas, fazer-lhes festas, brincar à-vontade. Chegavam a passear montados no seu dorso e elas docéis, aceitavam tudo.

Havia porém, quem as cobicasse. Iam dizendo à boca calada, que as plumas valiam muito, a carne seria um manjar saboroso, os olhos seriam pedras preciosas, e que em qualquer lado elas valeriam ouro.

Só que ninguém conseguia apanhar qualquer avesluz. Mas uma noite, ouviram-se disparos. Depois o alvorogo e o cântico angustiado das aves. Acordaram todos. Alguém tentara matar ou aprisionar o bando. As aves feridas e perturbadas, agitaram-se, abriram asas e voaram para o céu, enchendo-o de tanta luz e cor. Deram algumas voltas em redor, e depois foram-se embora para nunca mais.

A aldeia ficou triste. Dia após dia, todos olhavam o céu, à espera do regresso das suas aves encantadas. Em vão.

As pessoas foram partindo, para outros sítios e para outras vidas. O tempo foi passando e a aldeia abandonada, encheu-se de matagal, ervas daninhas e tristeza.

Das avesluz, só restou a saudade e a lembrança. Hoje ainda há um velho homem — um menino que brincara com elas —, sentado no monte, a olhar o céu, porque não perdeu a esperança de que um dia elas voltem.

Eram aves estranhas, diferentes de tudo o que se possa imaginar. Tinham tanto de enigmático, como de belo, de uma beleza invulgar. Difícil descrevê-las: eram um misto de pavão, de ganso, de garga, corulientas como as emas e ágeis como a avesluz, mas com a leveza dos cisnes. Mansas, docéis, viviam em plena liberdade, mas não se afastavam daquele povoado, onde, desde não se sabe quando, sempre tiveram o seu lar.

Se eram elegantes na forma, eram encantadoras na cor e na plumagem. Com o corpo coberto de tons brancos, manchados de vermelho e dourado, engalanavam-se com uma cauda longa, de penas em dourado acastanhado. Na crista, pendiam plumas de cor de fogo, e na cabeça sobressaliam uns olhos de safira, contornados de verdes.

A sua vida decorria na maior tranquilidade. Passavam o dia, em bando, em passeios curtos. Ao fim do dia, ao pôr-do-sol, levantavam voo, para algumas voltas e regressam já noite. No céu os seus corpos adquiriam uma tonalidade luminosa, dando à noite, um colorido lindo e talvez fosse por isso, que lhes chamavam «avesluz». Ninguém perdia aquele espectáculo e era ver, todos, de olhos maravilhados, a seguir aqueles voos flamejantes de cor e luz.

Depois, entoavam um cântico suave, e adormeciam juntas, em círculo, como se fosse uma grande flor fechada e assim ficavam, num misterioso silêncio, até romper os primeiros clarões do dia.

Vinha tanta gente de outros sítios, observar estas aves, mas ninguém podia acercar-se delas, porque ficavam perturbadas, com uma agitação ruidosa e num alvorogo incontável.

Pouco se sabia destas aves tão exóticas, e muitas vezes chegavam especialistas, curiosos em decifrar tanto mistério, mas não era consentido que se aproximassem. As pessoas do povoado não estavam preocupadas em desvendar seja ou que fosse, porque se habituaram a conviverem com elas, desde sempre, sem mais perguntas.

O certo é que a avesluz fazia parte daquele vale